ISSN: 1809-6220

REVISTA IDEAU REVISTA DE EDUCAÇÃO

IDEAU

NAVEGANDO PELO SABER: DESAFIOS E APRENDIZADOS NA EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS COM MICROCEFALIA

TITLE NAVIGATING KNOWLEDGE: CHALLENGES AND LEARNING IN THE EDUCATION OF CHILDREN WITH MICROCEPHALY

NAVEGANDO EL CONOCIMIENTO: DESAFÍOS Y APRENDIZAJES EN LA EDUCACIÓN DE NIÑOS CON MICROCEFALIA

Gildeane Hilglley Alves da Silva
Especialização em Psicopedagogia Institucional, Clínica e Educação Especial, Faculdade Cerquilho, Nossa Senhora do Socorro, Sergipe, Brasil.
E-mail: gildeanehilglley@gmail.com
Orcid: https://orcid.org/0000-0002-5042-4130

Danielle Santos Menezes
Mestre em Educação, Universidade Federal de Sergipe, Lagarto, Sergipe, Brasil. E-mail: danimenezes68@hotmail.com
Orcid: https://orcid.org/0000-0002-8875-088X

Verônica dos Reis Mariano Souza
Doutora em Educação, Universidade Federal da Bahia, Aracaju, Sergipe, Brasil. E-mail: veronicamariano@live.com
Orcid: https://orcid.org/0000-0001-8076-098X

Anne Alilma Silva Souza Ferrete
Doutora em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Aracaju, Sergipe, Brasil. E-mail: alilma.ferrete50@gmail.com
Orcid: https://orcid.org/0000-0001-9637-6616

RESUMO
O presente artigo é um recorte da monografia do curso de Pedagogia- UFS com o título “Sete anos da epidemia de Zika: desafio das escolas quanto à inclusão e promoção de aprendizagem das crianças com microcefalia no estado de Sergipe” e tem o objetivo de compreender os desafios e práticas pedagógicas dos professores da Educação Infantil para inclusão de alunos com microcefalia. Trata-se de uma pesquisa realizada por meio de procedimentos metodológicos da pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico, visando a aproximação com a realidade educacional das crianças com microcefalia. Utilizamos como

DOI: 10.55905/reiv5n1-004
Submitted on: 11.21.2024 | Accepted on: 11.22.2024 | Published on: 01.16.2025

embasamento teórico para este trabalho alguns autores como Sá (2013), Nepomuceno e Alcantara (2017) e Villachan- Lyra e Almeida (2019). Os resultados evidenciaram os desafios na educação de crianças com microcefalia, incluindo carência de recursos, infraestrutura inadequada e falta de formação para lidar com necessidades específicas. Destaca-se a complexidade da inclusão dessas crianças, ressaltando a necessidade urgente de investimento na formação docente. É preciso fornecer aos professores os recursos e conhecimentos essenciais para estabelecer um ambiente educacional verdadeiramente inclusivo, abordando questões como o manejo de medicação, crises convulsivas e práticas para o desenvolvimento integral do aluno.

Palavras-chave: Educação Infantil. Inclusão. Microcefalia. Práticas Pedagógicas.

ABSTRACT

This article is an excerpt from the monograph of the Pedagogy course - UFS with the title “Seven years of the Zika epidemic: challenge of schools regarding the inclusion and promotion of learning for children with microcephaly in the state of Sergipe” and aims to understand the challenges and pedagogical practices of Early Childhood Education teachers for the inclusion of students with microcephaly. This is a research carried out through methodological procedures of qualitative research of a bibliographic nature, involving an approach to the educational reality of children with microcephaly. We used as a theoretical basis for this work some authors such as Sá (2013), Nepomuceno and Alcântara (2017) and Villachan-Lyra and Almeida (2019). The results highlighted the challenges in educating children with microcephaly, including lack of resources, specific infrastructure and lack of training to deal with specific needs. The complexity of including these children stands out, highlighting the urgent need for investment in teacher training. It is necessary to provide teachers with the essential resources and knowledge to establish a truly inclusive educational environment, addressing issues such as medication management, seizures and practices for the student's integral development.

Keywords: Early Childhood Education. Inclusion. Microcephaly. Pedagogical Practices.

RESUMEN

Este artículo es un extracto de la monografía del curso de Pedagogía - UFS con el título “Siete años de la epidemia de Zika: desafío de las escuelas en cuanto a la inclusión y promoción del aprendizaje de niños con microcefalia en el estado de Sergipe” y tiene como objetivo comprender la Retos y prácticas pedagógicas de docentes de Educación Infantil para la inclusión de estudiantes con microcefalia. Utilizamos como base teórica para este trabajo algunos autores como Sá (2013), Nepomuceno y Alcântara (2017) y Villachan-Lyra y Almeida (2019). Los resultados resaltaron los desafíos en la educación de niños con microcefalia, incluida la falta de recursos, infraestructura específica y falta de capacitación para abordar necesidades específicas. Destaca la complejidad de

ISSN: 1809-6220

incluir a estos niños, lo que pone de relieve la urgente necesidad de invertir en la formación de docentes. Es necesario dotar a los docentes de los recursos y conocimientos esenciales para establecer un ambiente educativo verdaderamente inclusivo, abordando temas como el manejo de medicamentos, convulsiones y prácticas para el desarrollo integral del estudiante.

Palabras clave: Educación Infantil. Inclusión. Microcefalia. Prácticas Pedagógicas.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo trata sobre a microcefalia, uma má-formação craniana em que o perímetro cefálico da criança é menor do que o de outras da mesma faixa etária. Essa malformação se desenvolve por uma complexidade de fatores, em geral, infecções adquiridas pela mãe ainda no primeiro trimestre da gestação. As células neurais responsáveis pela formação dos ossos cranianos são prejudicadas, danificando também o desenvolvimento do cérebro (Nepomuceno e Alcantara, 2017).

No final do ano de 2015, o Ministério da Saúde viu-se confrontado com um significativo aumento de casos de microcefalia relacionados à epidemia do vírus Zika, transmitido pelo mosquito Aedes Aegypti. Diante dessa emergência de saúde pública, o Ministério confirmou a conexão entre a doença e a infecção pelo referido vírus. Em resposta a essa crise epidemiológica, o presente estudo visa explorar os desafios enfrentados pelas instituições de Educação Infantil ao lidar com a inclusão de alunos afetados pela microcefalia.

Os dados apresentados no boletim epidemiológico 45/2018 revelam a expressiva magnitude do impacto da microcefalia no Brasil durante o período de novembro de 2015 a dezembro de 2017. Com um total de 8.301 casos suspeitos notificados nesse intervalo, a preocupante confirmação de 3.279 casos até o final de 2018 ressalta a seriedade e a extensão dessa condição no país. O Nordeste, em particular, emergiu como a região mais afetada, registrando 2.879 casos diagnosticados em neonatos (Villachan- Lyra e Almeida, 2019). Esses números substanciam a necessidade urgente de abordagens abrangentes e eficazes para

ISSN: 1809-6220

lidar com as repercussões sociais, de saúde e educacionais associadas à microcefalia, destacando a importância de pesquisas e intervenções focalizadas nesse contexto específico.

Além disso, o presente estudo empreende a investigação e análise de práticas pedagógicas em artigos, dissertações e livros, direcionadas à estimulação precoce de crianças com microcefalia, reconhecendo a crucial importância de estratégias educacionais específicas capazes de atender às demandas singulares desse grupo. Considerando a complexidade das necessidades apresentadas por essas crianças, a pesquisa visa não apenas identificar tais práticas, mas também compreender sua eficácia na promoção do desenvolvimento integral e inclusivo, proporcionando abordagens educacionais mais efetivas e adaptadas às particularidades desses indivíduos.

Para realizar esse trabalho adotamos uma abordagem metodológica fundamentada na pesquisa qualitativa, com ênfase na análise bibliográfica. Desse modo, recorremos a uma revisão da literatura que se baseou em contribuições relevantes de diversos autores. Destacam-se as obras de Sá (2013), Nepomuceno e Alcantara (2017) e Villachan- Lyra e Almeida (2019). Esses autores fornecem insights valiosos sobre diferentes aspectos relacionados à microcefalia, incluindo suas implicações educacionais, desafios enfrentados e estratégias de estimulação precoce.

Espera-se que os resultados desta pesquisa contribuam significativamente para o entendimento mais aprofundado das implicações educacionais e sociais associadas à microcefalia, fornecendo subsídios valiosos para a implementação de estratégias pedagógicas mais eficazes e inclusivas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O processo de aprendizagem na vida escolar é um caminho cheio de obstáculos, ainda mais, quando a criança possui limitações (física, intelectual, mental, visual ou auditiva) que dificultam a sua caminhada. A microcefalia é associada ao desenvolvimento da deficiência intelectual, agregada a problemas de locomoção, na comunicação por meio da fala, na percepção espacial e

ISSN: 1809-6220

temporal, na interação social, na autonomia dos cuidados básicos, e, consequentemente, nas dificuldades cognitivas e na aprendizagem escolar (SEIBT, 2017, n.p.).

Em relação à inclusão das pessoas com deficiência nas diversas instâncias, mesmo com os notáveis avanços da sociedade desde os anos 1980, elas ainda enfrentam muitos preconceitos e são privadas dos seus direitos. Um deles é a educação qualitativa. A Constituição Federal de 1988 (art.205) assegura que todas as pessoas têm direito à educação, independente de raça, religião ou condição econômica, “visando o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.” Ainda acrescenta no art. 206, inciso I, princípios para a educação, estando entre eles, a garantia de igualdade de condições para o acesso e permanência na escola (Brasil, 1998).

A nossa Carta Magna responsabiliza o Estado e a família, pela oferta de uma educação que promova o desenvolvimento integral da criança e ofereça os subsídios necessários para a vida social. Desse modo, conforme a Secretaria de Educação Especial- SEESP/MEC a chamada Educação Especial é entendida como:

> Processo que visa promover o desenvolvimento das potencialidades de pessoas portadoras de deficiência e que abrange os diferentes níveis e graus do sistema de ensino. Fundamenta-se em referenciais teóricos e práticos compatíveis com as necessidades específicas de seu alunado. [Visa à] estimulação essencial, [ou seja], conjunto organizado de estímulos e treinamentos adequados, oferecido nos primeiros anos de vida a crianças já identificadas como deficientes e àquelas de alto risco, de modo, a lhes garantir uma evolução tão normal quanto possível (Brasil, 1994, p. 17).

Essa modalidade de ensino objetiva a inclusão dos alunos com deficiência na sala de aula regular, desde a educação infantil ao ensino superior, oferecendo-lhes os estímulos necessários para a vivência escolar, familiar e social o mais “normal” possível, sem discriminação e com base na igualdade de oportunidades. As estratégias são adotadas de acordo com o nível de comprometimento do aluno e respeitando os seus limites.

Além de garantir o direito de ser incluído na escola e na sala de aula

ISSN: 1809-6220

regular, a Constituição de 1988, também elege o Atendimento Educacional Especializado (AEE) (art. 208, inciso III). Esse atendimento pode ser ofertado na escola ou em outro estabelecimento, no horário contrário a aula, tendo como função:

> identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas. Esse atendimento complementa e/ou suplementa a formação dos alunos com vistas à autonomia e independência na escola e fora dela (Brasil, s.d., p.1).

Não basta apenas inserir o aluno com deficiência na escola, é preciso disponibilizar meios e abrir caminhos para que ele possa exercer autonomia dentro e fora do ambiente escolar, bem como, participar de atividades em conjunto com os colegas. Por tudo isso, apenas efetuar a matrícula e propiciar o acesso do aluno deficiente à escola, são insuficientes, uma vez que, não proporcionam experiências pedagógicas com intencionalidades que desenvolva as habilidades necessárias para convívio social e valorização do indivíduo, sem que haja discriminação.

Mantoan (2013, p. 16) também questiona os termos integração escolar e inclusão escolar. Segundo ela, na primeira terminologia

> A escola não muda como um todo, mas os alunos têm de mudar para se adaptarem às suas exigências [já a] inclusão implica uma mudança de perspectiva educacional, pois não atinge apenas alunos com deficiência e os que apresentam dificuldades de aprender, mas todos os demais, para que obtenham sucesso na corrente educativa geral.

Desde os primeiros meses de vida o bebê aprende observando, ouvindo, sentindo, e quando mais maduro, reproduz as ações de outras pessoas. Em concordância com Nepomuceno e Alcantara (2017, p. 113) “as possibilidades de convivência e partilhas com outras crianças da mesma idade, pode levar o aprendente microcefálico ao crescimento nas dimensões afetivas, motoras e intelectuais”, ou seja, a interação com outras crianças da mesma idade e até mesmo adultos que não são do seu convívio familiar contribui para o seu desenvolvimento pois, esses são modelos de referência para sua aprendizagem

ISSN: 1809-6220

nas diversas atividades.

3 METODOLOGIA

Este artigo é uma pesquisa qualitativa com procedimentos da análise bibliográfica. Para Gonsalves “a pesquisa qualitativa preocupa-se com a compreensão, com a interpretação do fenômeno, considerando o significado que os outros dão às suas práticas” (2011, p.70), ou seja, a problemática é retratada na perspectiva do participante.

A pesquisa bibliográfica busca ampliar o conhecimento sobre a temática à partir do que já foi estudado. De acordo com Gil (2017, p.45) “A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente”, assim, utiliza-se de diversos meios virtuais ou físicos para alcance dos objetivos.

Nessa perspectiva, fizemos a busca bibliográfica por livros, artigos científicos, dissertações e teses em plataformas eletrônicas como o Google Acadêmico, Plataforma Sucupira e Portal de Periódicos da CAPES que se relacionassem com a educação inclusiva das pessoas com microcefalia, englobando seus desafios e experiências de práticas pedagógicas com esses alunos.

A revisão extensiva da literatura permitirá uma compreensão mais aprofundada da realidade educacional das crianças impactadas pela microcefalia. A análise dos dados será conduzida de forma sistemática, buscando identificar padrões, lacunas e tendências relevantes na literatura revisada. Essa abordagem visa fornecer uma base sólida para a compreensão dos desafios específicos enfrentados pelas crianças com microcefalia no contexto educacional.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Quando falamos de crianças com múltiplas deficiências, por possuírem uma saúde mais debilitada, necessitam de acompanhamento multidisciplinar que

ISSN: 1809-6220

corresponda às suas necessidades, porém, a educação dessas crianças, por vezes, é deixada em última instância. Os pais ficam apreensivos ao levar seus filhos para escola, devido ao apego e o medo de que sejam expostos a situações que piorem o seu quadro clínico. Isso demonstra o desconhecimento, por parte dos pais, do quanto a instituição escolar pode contribuir para o desenvolvimento dessas crianças. Além disso, existe a preocupação se a escola está preparada para recebê-las.

Villachan- Lyra e Almeida (2019, n.p.), lista algumas experiências que o contexto escolar pode proporcionar às crianças com múltiplas deficiências, experiências essas, que não seriam possíveis no âmbito familiar:

> Por exemplo, a criança será convidada a expressar suas necessidades de formas diferentes, pois serão dela demandados novos desafios a serem superados, como lidar com regras, compartilhar brinquedos e objetos, cumprir pequenas responsabilidades e participar de novas atividades. Poderá viver também sentimentos de medo e insegurança, mas até esses momentos desafiadores podem ser promotores do seu desenvolvimento, já que essas novas experiências a ajudarão a fortalecer sua autoestima e entender que poderão existir outros adultos, que não apenas os seus familiares, que exerçam sobre ela ações de proteção e cuidado. Será saudável também começar a lidar com o afastamento e o retorno das figuras parentais nos momentos de separação ao ficar na creche.

A assistência clínica é imprescindível, mas não diminui a importância do acompanhamento pedagógico para o desenvolvimento global do infante. Na escola, a criança com deficiência poderá brincar e aprender em ambientes adaptados com materiais adequados para o desenvolvimento de cada habilidade.

Não podemos esquecer da interação com outros colegas e professores, criando vínculos e o sentimento de segurança, para além do parentesco. Nesse sentido, a orientação de profissionais capacitados para mediar as experiências pedagógicas citadas por Villachan- Lyra e Almeida, e muitas outras, não deve ser pensada como dispensável, pois “o não atendimento em tempo oportuno e a falta de orientação adequada vão dificultando e agravando esse problema de integração” (Souza, 2013, p. 39).

ISSN: 1809-6220

A Nota Técnica nº 25/2016 divulgada pelo Ministério da Educação brasileiro orienta as instituições de Educação Infantil sobre o acolhimento e desenvolvimento integral das crianças com microcefalia enfatizando a importância de ofertar ambientes inclusivos, estimulantes e ricos por meio da interdisciplinaridade. Entretanto, não podemos ignorar os desafios enfrentados pela escola para promover essa inclusão. Nesta perspectiva, Villachan- Lyra e Almeida (2019) listam alguns destes:

Quadro 1 - Desafios da escola para inclusão da criança com SCZV

Desafios	**Sugestões**
Capacitação dos profissionais de educação	Mesmo com os desafios e dificuldades presentes, reconhecer-se como capaz de aceitar e ajudar essa criança.
Reconhecer o preconceito (seja nosso ou do outro)	Proporcionar atividades de acolhimento e respeito às diferenças por toda a comunidade escolar.
Postura e posicionamentos da criança nas situações de cuidado	Colocar a criança em uma posição confortável e segura, além de manuseá-la adequadamente na realização de atividades e exploração do ambiente.
Alimentação (dificuldades de deglutir ou excesso de salivação)	O primeiro ponto é posicioná-la de maneira adequada. É preciso observar o tipo de alimento que irá ingerir e seu desenvolvimento motor, pois determina qual a posição melhor facilita esse momento.
Manejo da medicação	A comunicação entre a família e a escola é fundamental, pois a equipe escolar precisa estar ciente dos horários e procedimentos das medicações.
Crises convulsivas	É essencial conversar com os pais para conhecer as particularidades da criança e como lidar nessas situações. “De modo geral: antes de tudo, mantenha-se calmo(a) e deite a criança de lado para que a saliva escorra e, assim, evite que ela seja aspirada; não tente “conter a criança” ou “puxar sua língua”, mantenha a criança deitada de lado, com uma toalha ou travesseiro sob sua cabeça, em um ambiente seguro e longe de outras pessoas ou objetos, de modo a evitar que se machuque” (Villachan- Lyra e Almeida, 2019, n.p.).
Adaptação do espaço físico da escola e atividades escolares	Devemos lembrar que essas crianças também gostam de brincar e se divertir. Assim, na escola, deve-se haver recursos de apoio que possibilitem essas experiências como balanço adaptado para cadeirantes, utensílios adequados para alimentação e calças de apoio.

Fonte: Elaborada pelas autoras com base no livro de Villachan- Lyra e Almeida, 2019

A capacitação dos profissionais de educação e a adaptação do espaço físico e atividades escolares são os desafios de maior predominância relatados nas leituras bibliográficas de Nepomuceno e Alcantara (2017); Barros e Falcão (2020).

ISSN: 1809-6220

Pensando nesses desafios, segundo Gomes et al. (2007), para que a escola consiga trabalhar de forma inclusiva com as crianças microcefálicas, é necessário, além de adaptar as práticas pedagógicas e recursos para atender às suas necessidades, que haja uma formação consistente do corpo de professores e gestão escolar, “e que esta, por sua vez, adote um caráter democrático e participativo” (Santos, et al., 2019, n.p).

Essa Síndrome congênita não traz apenas consequências físicas, mas também cognitivas, motora, intelectual e sociointerativa, sendo assim, necessitam da estimulação precoce para superar suas limitações pois, quanto mais cedo a criança é estimulada, maiores as chances de desenvolvimento. Todavia, para esse atendimento, é necessário um trabalho conjunto entre profissionais da saúde, da educação e a família.

4.1 PRÁTICAS DE ESTIMULAÇÃO PRECOCE COMO ESTRATÉGIA DE INTERVENÇÃO

As práticas de estimulação precoce são muito utilizadas na educação das crianças com deficiências e traz resultados positivos, pois, a “criança estimulada obtém avanços na sua capacidade de amealhar e reorganizar conhecimentos” em contrapartida, a não estimulação pode provocar a atrofia muscular e/ou intelectual (Santos, 2016, n.p.).

As Diretrizes Educacionais sobre Estimulação Precoce para o portador de necessidades educativas especiais definem estimulação precoce como:

> Conjunto dinâmico de atividades e de recursos humanos e ambientais incentivadores que são destinados a proporcionar à criança, nos seus primeiros anos de vida, experiências significativas para alcançar pleno desenvolvimento no seu processo evolutivo (Brasil, 1995).

No contexto escolar, as crianças com microcefalia apresentam dificuldades de aprendizagem, que para serem superadas demanda de “acompanhamento por profissionais que possam criar ambientes de aprendizagens diferentes, proporcionando a esse aluno compreender suas

ISSN: 1809-6220

dificuldades superando suas limitações" (Barros e Falcão, 2020, p. 4). Mas para que esse processo seja feito com diligência e eficiência é preciso que haja "cooperação e reciprocidade na relação entre: educador, psicopedagogo e família para o sucesso das atividades desenvolvidas no processo de aprendizagem" (Nepomuceno e Alcantara, 2017, p. 113). Esse esforço permite conhecer e valorizar, não só as particularidades da criança, mas também das famílias e instituições, assim como os recursos disponíveis no ambiente interno ou externo.

Um professor entrevistado por Sá (2013) foi mediador de aprendizagem de uma criança com microcefalia congênita entre 2011-2012, esse educador expressa que,

> Para que a criança multideficiente realize na plenitude os seus potenciais, deve haver, desde o nascimento, um processo educativo que a ajude a construir as suas estruturas afetivas, sociais e cognitivas. Quer sejam multideficientes ou não, devemos ter o cuidado de não limitar a nossa prática pedagógica, apenas aos cuidados básicos destes alunos, mas ir mais além, no sentido de lhes dar mais autonomia e abrir-lhes o caminho para a cidadania (Professor M, Sá, 2013, p.77).

O professor M reconhece a importância da estimulação precoce para o bebê com multideficiências, mas alerta para que a prática pedagógica dos professores não fique centrada apenas no ensino dos cuidados básicos desses alunos, mas torná-los indivíduos autônomos para o exercício da cidadania.

4.1.1 Comunicação alternativa aumentativa

Conforme a espécie humana foi evoluindo, o ser humano desenvolveu signos linguísticos que permitiram a comunicação e troca de informações. A aprendizagem e significação desses signos ocorre por meio das interações sociais, sendo classificados em: linguagem verbal (oral e escrita) e não-verbal (gestos, imagens e expressões faciais).

A comunicação existe bem antes da sociedade, mas para que possamos viver nela, a habilidade de comunicar-se é um elemento essencial, pois contribui

ISSN: 1809-6220

para aquisição de conhecimentos e isenção do sujeito na cultura local onde reside.

> Ao usar a comunicação, o sujeito se apropria de signos culturalmente produzidos e passa a interagir, podendo expressar suas necessidades, sentimentos, constrói sua singularidade, passa a usufruir do conhecimento produzido historicamente e tem a oportunidade de deixar sua parcela de contribuição nesse conhecimento. (Passerino e Bez, 2015, p. 44)

Quando falamos em se comunicar com outrem, é natural pensar ligeiramente sobre a interação mediada pela oralidade, todavia, as pessoas que possuem algum déficit no desenvolvimento da fala, como os portadores de deficiência intelectual, necessitam de outros meios para exercer essa ação. Esse novo caminho é o que chamamos de Comunicação Alternativa Aumentativa (CAA), essa expressão foi adotada para designar o conjunto de procedimentos técnicos e metodológicos direcionado a pessoas com déficit no desenvolvimento da fala, devido à doença ou deficiência, ou alguma situação que impede a comunicação com outras pessoas (Brasil, 2004).

As crianças com microcefalia, devido à má formação neurológica possuem retardo no desenvolvimento da fala, assim, utilizam como comunicação alternativa recursos não verbais, como, por exemplo, gestos, direção do olhar, expressões faciais ou corporais, e até mesmo, uso de aplicativos tecnológicos a fim de ampliar a capacidade comunicativa.

Eduardo Manzini e Débora Deliberato, por meio do Portal de ajudas técnicas para educação, capacitação e recreação da pessoa com deficiência física, afirmam que existem vários sistemas alternativos para comunicação especial que são subdivididos em comunicação apoiada e não apoiada. A primeira diz respeito à comunicação mediada através de expressões linguísticas de forma física e contidas fora do corpo do indivíduo (objetos reais, miniaturas de objetos, pranchas com fotografia, símbolos gráficos ou sistemas computadorizados) como no exemplo abaixo (Brasil, 2004).

ISSN: 1809-6220

Figura 1 - Prancha Temática

Fonte: Recursos para comunicação alternativa (2004)

Figura 2 - Prancha fixa na parede com miniaturas

Fonte: Recursos para comunicação alternativa (2004)

A segunda, engloba as expressões próprias da criança, sem que precise do apoio de equipamentos (sinais manuais, expressões faciais, movimentos do corpo, gestos ou piscar de olhos).

Figura 3 - Comunicação alternativa (Gestos)

Fonte: Recursos para comunicação alternativa (2004)

Os recursos utilizados para proporcionar a comunicação dessas crianças são classificados em ‘alta tecnologia’ que se refere a sistemas computacionais e softwares e ‘baixa tecnologia’ como os materiais concretos confeccionados com recursos de baixo custo. Para este trabalho, tomamos preferência em sugerir intervenções que façam uso de ‘baixa tecnologia’ (Brasil, 2004).

ISSN: 1809-6220

Em decorrência do nível de comprometimento motor algumas crianças vão depender de ajuda para seleção dos recursos e estimulação para o desenvolvimento da habilidade desejada. Desse modo, é importante que tanto a criança quanto a família também participem da seleção dos materiais.

4.1.2 Estratégias e propostas de atividades

Quando falamos de alunos com deficiência é nítido que não há uma padronização de ensino ou determinação de um método, pois, cada criança tem limitações específicas dependente das deficiências que possuem, sobretudo, as crianças portadoras de microcefalia, por se tratar de algo novo, principalmente no âmbito escolar. Nesse sentido, é natural que os professores se sintam receosos ao se deparar com o desafio de auxiliar as aprendizagens dessas crianças.

Pensando nisso, destacamos algumas estratégias de intervenção, propostas de atividades e brincadeiras listadas por Pompéia Villachan-Lyra e Eliana Almeida no livro Síndrome Congênita do Vírus da Zika, Microcefalia e Outras Alterações do Neurodesenvolvimento: Guia Prático para Profissionais da Educação, que podem ser utilizadas para o desenvolvimento global do aluno com microcefalia.

O desenvolvimento global diz respeito ao aprimoramento das faculdades física, motora, cognitiva, sensório-perceptiva, socioafetiva, intelectual e de linguagem.

Dentre as propostas de intervenção não podemos deixar de lado o brincar, pois por meio dele pode-se desenvolver todas as habilidades citadas anteriormente. A brincadeira abre um leque de oportunidades, permitindo a experimentação, imaginação e socialização, bem como, construção da identidade e autonomia. Lopes et al. (2017, p.4) em sua interpretação de Vigotsky (2007) expressa que,

> O brincar e o brinquedo têm um grande papel no desenvolvimento da identidade e da autonomia da criança. Ela desde muito cedo se comunica por meio de gestos, sons e por meio de determinadas

ISSN: 1809-6220

> representações de papéis na brincadeira, desenvolvendo sua imaginação e interação com o mundo. A imaginação contribui enormemente para atividade consciente da criança e do processo de interação sujeito-mundo. No processo do brincar, a criança desenvolve a atenção, imitação, memória, imaginação e também amadurece algumas capacidades de socialização por meio da interação e utilização de regras e papéis.

Antes de realizar qualquer atividade/brincadeira é importante que o professor conheça a criança e seu quadro clínico, para que após a avaliação sejam traçadas estratégias de intervenção adequadas, não só, ao desenvolvimento das capacidades, mas respeitando os seus limites. Devemos estar cientes que “quando estamos a intervir com bebês frágeis de risco estabelecido, não o devemos sobrecarregar, pois possui um sistema de defesa imaturo e vulnerável” e cada conquista, por pequena que seja, significa grandes realizações (Sá, 2013, p. 21). Ademais, é necessário manter uma escuta cuidadosa e sensível da criança, considerando com respeito suas características e necessidades.

4.1.2.1 Estimulação físico-motora

Até as mais simples atividades podem trazer grandes desenvolvimentos, desde que sejam intencionais, correlatas com as necessidades e particularidade de cada ser. Durante qualquer atividade é importante lembrar de conversar com a criança/bebê sobre o que será realizado e apresentar os objetos que serão utilizados.

Um dos momentos que se pode aproveitar para estimulação físico-motora indicada por Villachan e Almeida (2019) é a troca de fraldas e a hora do banho. Este momento, é a oportunidade para alongamento das pernas, movimentar os quadris e rolar o corpo do bebê de um lado para outro. É relevante que a troca de olhares entre a criança e o cuidador seja recíproca neste momento, juntamente com a demonstração de afeto.

O banho possibilita o conhecimento do próprio corpo. À medida que o profissional tocar as partes do corpo da criança é importante que nomeie-as, também faça uso de objetos que possibilitem curtir o meio aquático e sentir

ISSN: 1809-6220

prazer na hora do banho. Movimentar os objetos de um lado para outro incentivando a criança a segui-lo com os olhos, potencializa a coordenação da percepção ocular. Deve-se optar por utensílios que possam ser manuseados pelo infante sem que o machuque, assim, pode exercitar a musculatura das mãos trabalhando a habilidade de manusear objetos.

Podemos perceber que, grande parte das brincadeiras desenvolve mais de uma habilidade, assim, as

> atividades mais voltadas para a promoção do desenvolvimento físico (como deslocamento e locomoção, dança, conhecimento e exploração corporal, equilíbrio, coordenação motora etc.) podem contribuir também para o desenvolvimento de aspectos sociais (na medida em que promovem a relação com outras crianças) e afetivos (por meio das trocas com os adultos e crianças, construção de autoestima, etc.) [...] Atividades inicialmente pensadas para promover o desenvolvimento cognitivo (como contação de histórias, brincadeiras de faz de conta, situações envolvendo resolução de problemas) podem também favorecer a integração social, o desenvolvimento de aspectos socioemocionais e até aspectos motores. (Villachan; Almeida, 2019, n.p.)

O profissional deve estar atento e explorar todas as possibilidades possíveis, desde que o bebê/criança esteja apto a desenvolvê-la.

4.1.2.2 Brincar no escorregador

Sentada em uma cadeira com as pernas fechadas e bem esticadas, a professora pode segurar a criança no colo e fazer os “movimentos de descer e subir do escorrega”. Essa brincadeira permite que a criança potencialize a capacidade de percepção das diversas velocidades, bem como, o desenvolvimento da percepção espaço-temporal.

4.1.2.3 Pequeno Malabarista

Essa brincadeira tem o objetivo de fortalecer a musculatura das pernas. Com a criança deitada sobre uma superfície plana, posicionada com as pernas para cima, mostre uma pequena bola de plástico e coloque-a sobre a palma dos

ISSN: 1809-6220

pés. Prefira bolas com cores chamativas e vá nomeando as cores para que também estimule sua visão. Além disso, ajude a criança a manter a bola sobre a planta dos pés, mesmo que chute ou deixe a bola cair.

> Nessa atividade, será exercitado a motricidade das extremidades, a coordenação da percepção ocular e a dinâmica geral. Em termos cognitivos, ajudará a perceber a solidez e a permanência dos objetos (quando a bolinha vai embora e volta), e ainda ajudará a desenvolver a noção de distância (perto/longe) sempre que a bolinha estiver próxima ou distante da criança. (Villachan; Almeida, 2019, n.p.)

É preciso observar o desenvolvimento motor de cada criança se permite ou não que ela consiga participar de cada brincadeira selecionada.

Outro momento oportuno para o desenvolvimento da criança com SCZ é a alimentação. Durante a amamentação, exercita a habilidade de sucção; o reflexo de busca, movimentando o rosto na direção do alimento; estimula a capacidade de abrir e fechar a boca, essenciais para ajudar na respiração pelo nariz e para aprendizagem da linguagem.

Para as crianças que já ingerem alimentos, mesmo que tenham consistência pastosa, é importante colocar um apoio no pescoço e posicioná-las de modo adequado para evitar engasgos. Esse também é o momento para apresentar o nome dos alimentos, dos objetos, das cores e das formas.

4.1.2.4 Estimulação visual e auditiva

Para aprimoramento da percepção visual e auditiva, é interessante que na seleção de recursos para realização das atividades e brincadeiras o professor opte por objetos coloridos, que emitem sons ou luzes. Para a atividade coloque a criança sentada ou deitada, apague a luz e faça uso de uma lanterna para que a criança possa seguir com os olhos ou movimentar o pescoço para a direção da luz.

Para estímulo auditivo, a Roda Musical é uma atividade simples, mas que traz grandes avanços cognitivos para a criança, pois permite que ela explore o universo das rimas, ritmos e aprendizagem de novas palavras, além de

ISSN: 1809-6220

proporcionar relaxamento, equilíbrio emocional, socialização e afetividade. Nada como uma boa música para acalmar ou animar o ambiente!

Sentada em uma roda, junto com outros alunos, coloque a criança no colo e apoie seu corpo e cabeça, se necessário, permitindo que ela possa ter contato visual com as outras crianças. Opte por músicas que sejam da preferência dela e com ritmo agradável.

Aproveite esse momento para também cantar junto com os alunos estimulando o desenvolvimento da linguagem e fazer gestos (como bater palmas ou os movimentos de levantar e abaixar o braço) para trabalhar a musculatura. Ajude a criança a realizar os movimentos.

Outra forma de estimular a audição, é fazer uso de instrumentos musicais que emitem diferentes sons, em distintas tonalidades. Coloque a criança sentada em uma posição agradável e movimente o instrumento (para cima, para baixo, direita e esquerda) incentivando-a a seguir o som.

4.1.2.5 Estimulação sensorial/ Brincar com Papel

Para auxiliar no desenvolvimento das habilidades sensoriais (estimulando os sentidos - visão, audição, paladar, tato e olfato). “Prefira brinquedos que a criança possa pegar com as próprias mãos e a estimule a explorá-los batendo, puxando, chacoalhando, jogando”; use objetos com texturas diferentes: toalhas, algodão, esponjas, diferentes papéis (liso, áspero), etc.

Essa brincadeira permite desenvolver a sensibilidade tátil da criança, sem precisar de grandes recursos. Basta selecionar papéis de cores diferentes e texturas variadas, coloque a criança sobre uma superfície lisa e coloque os papéis que você escolheu junto da criança. Espere e observe para ver o que ela pode fazer, depois pegue o papel e amasse na frente dela incentivando para que faça o mesmo. Assim ela terá a experiência tanto do contato, quanto do som emitido pelo papel.

Essa prática ajuda a estimular os braços e a coordenação entre os movimentos do braço e os movimentos oculares, contribui também para que seja

trabalhada a habilidade de manipular objetos e favorece a coordenação da percepção.

É importante compreender que nem sempre a necessidade da criança vai corresponder à sua disposição. “Por isso, quando a primeira resposta é de desagrado devemos insistir, mas introduzindo pequenos intervalos, como se fossem pequenas etapas às quais se deve dar continuidade” (Sá, 2013, p.134). O que não podemos fazer é desistir, pois novos desafios levam a descobertas, e essas descobertas a novos aprendizados.

5 CONCLUSÃO

Ao discutir a educação dos alunos afetados pela Síndrome Congênita do Zika Vírus (SCZV), a pesquisa se propôs a identificar desafios e práticas pedagógicas desenvolvidas com crianças macrocefálicas na educação infantil. Após a revisão bibliográfica, verificou-se que essa temática ainda foi pouco explorada no âmbito educacional o que torna o trabalho dos profissionais de educação mais difícil para superação dos diversos desafios e promover a inclusão das crianças com múltiplas deficiências.

A identificação dos desafios e práticas pedagógicas é crucial para o desenvolvimento de estratégias eficazes e para a promoção da inclusão dessas crianças na educação infantil. A constatação de que essa temática ainda é pouco explorada no contexto educacional destaca a necessidade urgente de atenção e pesquisa dedicada a esse grupo específico de alunos. Além disso, a escassez de literatura sobre o assunto evidencia um vácuo de conhecimento que pode impactar negativamente o trabalho dos profissionais de educação, pois a falta de informações específicas pode dificultar a criação de abordagens pedagógicas adaptadas e personalizadas, tornando o desafio da inclusão ainda mais complexo.

Em relação às crianças microcefálicas, ressalta a diversidade de desafios enfrentados por alunos com SCZV, uma vez que, a microcefalia é uma característica associada à síndrome. Essa observação destaca a importância de considerar as variações nas condições de saúde dos alunos afetados,

ISSN: 1809-6220

garantindo uma abordagem educacional inclusiva e personalizada. De acordo com os dados coletados, os desafios enfrentados na educação de crianças com microcefalia englobam questões abrangentes, incluindo deficiências na infraestrutura escolar, a escassez de recursos adequados para atendimento, a falta de preparo dos professores e equipe escolar para lidar com aspectos específicos, como administração de medicamentos, crises convulsivas e implementação de práticas que promovam o desenvolvimento integral do aluno. A complexidade dessa inclusão ressalta a importância de investir na formação dos docentes.

Assim, é evidente que apenas inserir os alunos com microcefalia na escola não é suficiente. Torna-se imperativo dotar os professores dos recursos e conhecimentos necessários para criar um ambiente verdadeiramente inclusivo. A ausência de infraestrutura adequada e recursos específicos pode comprometer a eficácia do ensino, especialmente quando se trata de lidar com as necessidades particulares desses alunos. A falta de preparo da equipe escolar para situações específicas, como o manejo de crises convulsivas destaca uma lacuna na formação profissional que precisa ser abordada.

Portanto, o destaque para a necessidade de investir na formação docente não apenas sublinha a importância de preparar os professores para lidar com os desafios práticos e emocionais associados à microcefalia, mas também ressalta a responsabilidade da sociedade em garantir que a inclusão seja efetiva para cada criança afetada. Essa abordagem não apenas beneficia os estudantes com microcefalia, mas também contribui para a construção de uma educação mais inclusiva e igualitária como um todo.

Desse modo, fica claro que a pesquisa enfatiza a necessidade premente de ampliar o conhecimento e a compreensão sobre a educação de crianças com SCZV. Ao fazê-lo, não apenas se contribui para a melhoria das práticas pedagógicas, mas também se fortalece o compromisso com a inclusão e o desenvolvimento integral de todos os alunos, independentemente de suas condições de saúde.

ISSN: 1809-6220

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição (1988).** Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm Acesso em: 15 fev. 2022.

BRASIL. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial:** livro 1/MEC/SEESP- Brasília: a Secretaria, 1994. Disponível em: https://inclusaoja.files.wordpress.com/2019/09/polc3adtica-nacional-de-educacao-especial-1994.pdf Acesso em: 22 fev. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes educacionais sobre estimulação precoce**: o portador de necessidades educativas especiais. Secretaria de Educação Especial - Brasília: MEC, SEESP,
1995.

BRASIL. Secretaria de Educação Especial. **Portal de ajudas técnicas para educação, capacitação e recreação da pessoa com deficiência física:** recursos para comunicação alternativa. Brasília: MEC: SEESP, 2004, fascículo 2.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Educação infantil, saberes e práticas da inclusão**: dificuldades acentuadas de aprendizagem: deficiência múltipla. [4. ed.] / elaboração profª Ana Maria de Godói – Associação de Assistência à Criança Deficiente – AACD... [et. al.]. – Brasília, 2006. 58 p.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. **Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência** (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 05 fev. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Nota Técnica Nº 25/2016.** Orientações para o acolhimento dos bebês com microcefalia pela educação infantil. DPEE / SECADI / MEC. 2016. 571_Orientações para implementação da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.pdf (feapaesp.org.br)

BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Saúde da Pessoa com Deficiência. S. D. Diponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/MatrizesConsolidacao/comum/37518.html Acesso em: 10 abr. 2022.

BARROS, Simone Regina Alves de Freitas. FALCÃO, Pedro Henrique. **Atendimento educacional especializado para microcefalia**: uma reflexão para educação inclusiva. Educação, Artes e Inclusão. Vol. 16, nº 1, Jan./ Mar. 2020. Disponível em:

https://www.revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/15013. Acesso em: 15 jan. 2021.

Gil, Antonio Carlos, 1946 – **Como elaborar projetos de pesquisa.** – 6. ed. – São Paulo: Atlas, 2017.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Sobre Iniciação a pesquisa científica**. ed. 5. Campinas, SP: Editora Alínea, 2011.

LOPES, Ana Claudia Fernandes. LEANDRO, Emily Francisco. ARRUDA, Viviane Apª Bernardes de. SILVA, Anilde Tombolato Tavares da. **A Importância do Brincar na Educação Infantil:** A Experiência do Pibid - Pedagogia/UEL na Brinquedoteca. - Paraná: Educere, 2021.

MANTOAN. Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar:** o que é? por quê? como fazer? (Coleção cotidiano escolar)- São Paulo : Moderna , 2013.

NEPOMUCENO, S; ALCANTARA, E. F. S. **A Psicopedagogia em busca de ajuda à geração microcefalia.** Volta Redonda - RJ: Rev. Episteme Transversalis. v.11, n.2, p. 107-118, jul./dez.2017.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. Vygotsky, **aprendizado e desenvolvimento:** um processo sócio histórico. São Paulo, Scipione, 1997. (Pensamento e ação no magistério)

PASSERINO, Lilian Maria. BEZ, Maria Rosangela. **Comunicação Alternativa**: mediação para uma inclusão social a partir do Scala [recurso eletrônico] - Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2015.

SÁ, Leila Maria Singh de Macedo Pinto e. **Intervenção Precoce e Microcefalia Estratégias de Intervenção Eficazes.** Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação)- Escola Superior de Educação João de Deus, Lisboa, p. 182. 2013.

SANTOS, Maria Emanuela Oliveira dos. BEZERRA, Renata Faustino dos Santos. GOMES, Delane Kátia Silva. DIÓGENES, Isabel Guimarães. PRADO, Antônia Ieda de Souza. **Inclusão de Crianças com Microcefalia na Educação Infantil:** O Desafio das Escolas. VI CONEDU, 2019.

SOUZA, Rita de Cácia Santos. **Educação Especial em Sergipe (Séc. XX)**: uma trajetória de descaso, lutas, dores e conquistas - Aracaju: Criação, 2013.

SEIBT, Mayara Teixera da Silva. **Educação Especial e Inclusiva, um Novo Desafio Escolar:** Microcefalia. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Edição 9. Ano 02, Vol. 01. pp 130-147, Dez. De 2017.

ISSN: 1809-6220

VILLACHAN- LYRA, Pompéia. ALMEIDA, Eliane. **Síndrome congênita do vírus da zika, microcefalia e outras alterações do neurodesenvolvimento:** guia prático para profissionais da educação.- 1. ed. - Curitiba: Appris, 2019. 75 p.